

O SILÊNCIO, A PALAVRA E A VOZ NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

THE SILENCE, THE WORD AND THE VOICE IN PHENOMENOLOGICAL PERSPECTIVE

Claudemir GOMES¹

Resumo: Etimologicamente a palavra silêncio vem do latim *silentiu* que significa estado de quem cala, privação de falar, sigilo, segredo. Esta referência ao silêncio faz do não-dito, o lugar da palavra que não foi verbalizada, mas está ali para ser desvelada pelo olhar interpretante do outro. O silêncio como categoria fundante da linguagem é a matéria significante por excelência. A palavra é um gesto lingüístico que rompeu o silêncio primordial, o qual precisa ser reencontrado, sob o ruído das falas, se quiser compreender o gesto que expressa e dá sentido ao próprio existir do ser humano. A voz humana é uma das mais ricas fontes de informação emocional. As expressões vocais não verbais aparecem em duas formas principais: com modificações no tom de voz durante a fala e por meio de vocalizações não faladas, como a respiração, o choro, suspiros, grunhidos, risadas, gritos e soluços. Na verdade, o que se percebe é que a linguagem acaba se sobrepondo a esses aspectos não verbais. Normalmente, as pessoas prestam muito mais atenção no conteúdo verbal, e o não verbal ocorre de uma maneira subliminar, não consciente. Então, as pessoas até percebem, detectam tudo, mas têm muita dificuldade de especificar o que está sendo sentido em algumas situações.

Palavras-chave: Silêncio. Palavra. Voz. Fenomenologia.

Abstract: Etymologically the word silence comes from the Latin *silentiu* which means state of who keep quiet, loss of speech, secrecy, secret. This reference to the silence makes the unsaid, the place of the word that was not verbalized, but it's there to be revealed by the interpretive look of the other. The silence as a founding category of language is the signifier matter par excellence. The word is a linguistic gesture that broke the prime silence, which need to be found, under the noise of speech, if you want to understand the gesture that expresses and gives meaning to human exist. The human voice is one of the richest sources of emotional information. The non-verbal vocal expressions appear in two main ways: with changes in tone during the talks and through unspoken vocalizations, such as breathing, cries, sighs, grunts, laughter, screams and sobs. In fact, what we see is that the language overlying these non-verbal aspects. Normally people pay more attention to the verbal content, and the non-verbal occurs a subliminal way, not conscious. So people even realize, they sense everything, but they have a hard time specifying what's being felt in some situations.

Keywords: Silence. Word. Voice. Phenomenology.

Introdução

“Cintilante é a água em uma bacia; escura é a água no oceano. A pequena verdade tem palavras que são claras; a grande verdade tem grande silêncio.” (TAGORE apud SEGAL, 1994)

A fenomenologia é uma epistemologia, uma filosofia, metodologia de pesquisa e um conjunto de dispositivos que pode ser aplicado em diversas situações da existencialidade humana no mundo. Falar do silêncio, da palavra e da voz é dizer das condições básicas que compõem o fenômeno humano e da arte da comunicação; da necessidade premente que existe nas pessoas em alcançarem novas possibilidades compreensivas sobre si mesmas e sobre os outros. Sentir-se presente numa situação ou numa circunstância equivale dizer que a pessoa se sente implicada em um mundo que é seu, que representa o seu jeito de ser humano. Este artigo, em sua intenção, busca

¹Mestre em Psicologia pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro/RJ. Professor do curso de Psicologia da Fundação Educacional de Araçatuba, Araçatuba/SP - FAC/FEA. E-mail: gomespsi41@gmail.com

essa meta: traduzir aos seus leitores a existência dessa preocupação, presente em vários pesquisadores que tem pensado o referido tema. Como também gerar a possibilidade para que muitos alunos possam lê-lo e, com isso, abrirem novas perspectivas e compreensões. Na sua tessitura foram utilizados diversos autores pesquisadores que muito tem escrito sobre o assunto.

Desenvolvimento

Etimologicamente a palavra silêncio vem do latim *silentiu* que significa estado de quem cala, privação de falar, sigilo, segredo. Desse modo compreende-se o silêncio como ato de quem opta em não produzir som algum ou daquele que prefere não usar da linguagem em seu processo de comunicação ordinário, não deixando, com isso, de dizer alguma coisa. Esta referência ao silêncio, faz do não-dito, o lugar da palavra que não foi verbalizada, mas está ali para ser desvelada pelo olhar interpretante do outro. O silêncio como categoria fundante da linguagem é a matéria significante por excelência e neste sentido, para Orlandi, “o silêncio é o real do discurso” (1997, p. 89), ou seja, um *continuum* significante. Nesse aspecto, destaca:

[...] o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem [...] O silêncio não é vazio, o sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do “vazio” da linguagem como horizonte e não como falta (ORLANDI, 1997, p. 31- 70).

Desse modo, o pensamento de Orlandi (1997) traduz a linguagem de duas formas: a manifesta pelo som da fala e pelo silêncio. Isso implica em reconhecer e entender que a linguagem do silêncio pode ser escrita não na ausência sonora, e sim no movimento ruidoso. O silêncio significa e re-significa de outras formas, pois o silêncio não é transparência, ele atua na passagem entre pensamento-palavra-coisa. “O silêncio é sempre o lugar da palavra abortada pelo indizível, mas que está latente nos vãos do discurso, nos seus intervalos e pausas, no apelo da mudez por significados”. Orlandi conclui que “o silêncio em seus muitos sentidos pode se fazer vida ou morte, alegria ou tristeza, parada ou isolamento, mas será infinitamente o lugar do mistério da palavra que não se fez disfarce e que, por total falta de tradução, permaneceu ausente, aberta a infinitos sentidos”. Destaca ainda que “O silêncio é, portanto, o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em fantasia, em imaginação”. (ORLANDI, 1997, p. 89). Outro autor, do movimento fenomenológico francês, Merleau-Ponty (1996), afirma que “a palavra é um gesto linguístico que rompeu o silêncio primordial, o qual precisa ser reencontrado, sob o ruído das falas, se quisermos compreender o gesto que expressa e dá sentido ao próprio existir do ser humano”. Ao abordar a

questão da palavra, Merleau-Ponty (1985, p. 70), ressalta que “se é a relação lateral do signo como o signo que torna ambos os significantes, o sentido só aparece na intersecção e como que no intervalo das palavras”. Augras, ao descrever a criação das coisas no mundo por meio da palavra, fala dos deuses demiurgos destacando:

Antes da ação do demiurgo, existia apenas o caos. Até mesmo o Popol Vuh, o livro do Conselho dos Maias, ao afirmar que nada havia antes da criação, descreve: tudo estava invisível, tudo imóvel no céu. Não havia construção, somente a água limitada, somente o mar calmo. Nada existia somente a imobilidade, o silêncio nas trevas, na noite. Sós, os Construtores, os Formadores, os Dominadores, os Poderosos do Céu, os Parituros, os Genitores, estavam sobre a água, luz derramada. (AUGRAS, M., 1986, pág. 89)

Discutindo o sentido da palavra/linguagem, Tenório (2003), destaca dois conceitos sobre a fala. O primeiro sobre a fala original e o segundo sobre a fala banal ou derivada. Para tanto, cita a contribuição de AmatuZZi, dizendo:

Na realidade, a fala falada é o produto enrijecido e objetivo que resulta das falas originais, que se cristaliza na língua disponível ou em seres culturais, formas de discurso, mas que, ao mesmo tempo e por ser exatamente isso, instrumentaliza outras falas. (AMATUZZI, 1989 apud TENÓRIO, 2003, p. 254).

Sabe-se que a palavra e o pensamento andam sempre juntos: pensar é falar e falar é pensar. Logo pensamos palavras. A aparente diferença entre eles ocorre apenas no modo funcional. Ambos representam aprendizagens culturais. Todavia, em sua produção pode-se sentir que no interior do processo da linguagem/palavra ocorre certo desdobramento, uma sobrepondo-se à outra. Na linguagem, uma coisa é o seu processo de constituição, de formatação dos signos, de tradução do sentido, e da adequação linguística e gramatical, e outra coisa é a linguagem enquanto palavra/fala, tomada pela consciência em seu significado expresso na voz. Sabe-se também que esse campo de discussão é complexo, que inclui diversas possibilidades compreensivas, e que parte pode ser estudada com as contribuições da neurociência atual; que muito ainda se deve descobrir. Mas, na fenomenologia, por meio da vivência do sentido, sabe-se que os dois processos ocorrem no corpo e que eles são concomitantes. Mas o que a deflagra ou o que lhe dá a origem, isso ainda não está claro. Se o processo é determinado pelo projeto enquanto uma idéia matriz ou um sentido colocado à frente, ou se existe alguma coisa que seja determinante dela, como, por exemplo, o arquivo de conceitos formado pelo ser em seu longo processo de aprendizagens que lhe serviria como banco de dados disponível à formatação das idéias e da linguagem, isso ainda é palco de muitas discussões. O que se sente é que o corpo, como quem espreita o processo, todavia, sem o possuir, sente a sua formulação em momentos distintos, porém integrado, que recebe a mensagem mediante a ordenação dos signos da linguagem. Entre os dois momentos não existe separação de tempo nem de espaço, eles vem entrelaçados como se fosse um só, sem a possibilidade da separação: eles vêm juntos, mas

não são iguais em processo e essência. Desse modo, AmatuZZi, (1989, p. 34-5 apud TENÓRIO, p. 254) esclarece dizendo que:

[...] a fala “secundária” é útil e dá continuidade, enquanto a fala original cria; uma depende da outra. Para todas as “falas banais”, possuímos significações já formadas. Elas só suscitam em nós pensamentos segundos, que não exigem de nós nenhum esforço de expressão, nem pedem de nossos ouvintes nenhum esforço de compreensão. Na “fala autêntica”, se bem que eu parta de significações disponíveis, seu arranjo visa criar significações novas a partir do silêncio primordial; visa expressar carências mais profundas do que aquelas que são providas bem ou mal no cotidiano. A “fala banal” por outro lado, é um jogo com produtos culturais, não envolve explicitamente a experiência primordial, não engaja o falante como pessoa no esforço de criação cultural. Por isso, ela mantém a instituição da fala, não cria. Já a “fala original” ou “fala falante” é, essencialmente criativa. Um pensamento, antes nunca pensado, vai sendo formulado na medida em que as palavras vão sendo ditas no aqui e agora. Desse modo, através de uma “fala primeira”, o novo sempre emerge, a pessoa sempre se cria e se transforma.

Sobre esse tema, Merleau-Ponty, em “A dúvida de Cézanne”, (1984, p.29 apud TENÓRIO, 2003, p.257), afirma que:

[...] na *fala original* existe uma identificação da fala com o pensamento e do pensamento com o sentimento, ambos vão se construindo e se manifestando, junto com o processo de significação total do sujeito, no momento presente, através das palavras. Neste sentido, a pessoa enquanto sujeito dessa “fala primeira”, torna-se sua própria fala, está plenamente identificada com ela, e na medida em que essa fala é sempre novidade, é, por consequência, transformadora e criadora do próprio ser, ao mesmo tempo, que também é transformadora e criadora do mundo. É o falar autêntico que cria o mundo segundo o homem e o homem para o mundo [...] a “fala primeira” é o pensamento em ato, não existe um pensamento precedente do qual ela seria a tradução, não existe uma ideia ou concepção à priori. O que existe antes dela não é o pensamento, mas sim a gestação de uma intenção significativa. Este aspecto da “fala original” nos remete a um dos pressupostos básicos do existencialismo de Sartre (1970) no qual ele afirma que a “a existência precede a essência”. Isto quer dizer que primeiro o homem existe e só a partir de sua existência, de suas escolhas e de sua práxis no mundo, é que sua essência se define e se revela. Do mesmo modo que pensamentos e sentimentos são criados a partir de sua expressão na “fala primeira”, a essência do ser humano também se cria a partir de sua atuação no mundo.

Dentro do pensamento de Tenório (2003, p. 253-259), compreende-se que a fala original é a responsável pela criação do mundo e do próprio indivíduo, mediante a apreensão do sentido daquilo que é expresso nessas manifestações. Desse modo, afirma Tenório (2003), homem e mundo não são realidades separadas e que um não existe sem o outro, que eles se constituem mutuamente na medida em que se relacionam. Dizer que o homem é um ser no mundo implica em afirmar esta indiscutível solidariedade. Na confirmação desse modo de pensar, Augras (1986 apud TENÓRIO, 2003) diz:

[...] a criação do mundo pelo homem se dá em duas dimensões: implícita e explícita. A primeira se refere à criação de um mundo particular, subjetivo, estruturado a partir da

relação com o objeto e revelado através da palavra. Esse processo faz parte do cotidiano da vida humana. A dimensão explícita diz respeito à criação da obra de arte, que é a configuração objetiva, visível e externa desse mundo subjetivo, interno e invisível. Essas duas dimensões criativas, embora sendo estruturalmente diferentes, são formas de expressão e criação do ser no mundo. A obra deliberada ou explícita possui feições mais nítidas e conduz mensagens mais claras do que a obra implícita da vida; uma é esclarecedora da outra. (AUGRAS, 1986, p. 88-95).

Merleau-Ponty (1996 apud TENÓRIO, 2003), sobre essa temática afirma que:

[...] o tema da criação simultânea do homem e do mundo através da fala, explica que do mesmo modo que o mundo dos objetos passa a existir, a partir de sua denominação pelo sujeito, através da palavra, o mundo subjetivo de pensamentos e sentimentos se concretiza, na medida em que essas vivências são descritas e nomeadas verbalmente.

Holanda (1998 apud TENÓRIO, 2003) explica que:

[...] o Eu não se estabelece por si só, mas a partir da relação que cria e que o Eu-Tu é uma atitude de encontro entre dois seres [...] num face a face, onde os dois se confrontam e assim, Eu me descubro num Tu, e este se descobre em mim, que passo a ser o seu Tu. Enquanto o eu falante se cria em sua “fala original”, o eu ouvinte também se constrói numa dimensão nova a partir dessa relação.

Na discussão sobre a relação entre o silêncio e a palavra, Merleau-Ponty (1996 apud TENÓRIO, 2003) afirma que a palavra é um gesto linguístico que rompeu o silêncio primordial, o qual precisa ser reencontrado, sob o ruído das falas, se quiser compreender o gesto que expressa e dá sentido ao próprio existir do ser humano. Sabe-se que deste silêncio primordial, do qual emerge a palavra ou o gesto linguístico, que estrutura a experiência e define a própria existência é a base para a compreensão das principais narrativas míticas sobre a criação do mundo e das coisas. Nesse sentido, Augras (1986, 76-89), destaca a ação dos grandes demiurgos que reinavam sobre o caos, na intenção de dar origem e formatação às coisas, ao mundo. Ela destaca o fato dizendo:

Antes da ação do demiurgo, existia apenas o caos. Até mesmo o Popol Vuh, o livro do Conselho dos Maias, ao afirmar que nada havia antes da criação, descreve: tudo estava invisível, tudo imóvel no céu. Não havia construção, somente a água limitada, somente o mar calmo. Nada existia, somente a imobilidade, o silêncio nas trevas, na noite. Sós, os Construtores, os Formadores, os Dominadores, os Poderosos do Céu, os Parituros, os Genitores, estavam sobre a água, luz derramada”. [...] Brama surgindo da flor de lótus oriunda do umbigo da Vishnu, com os Vedas na mão: o Livro Sagrado – contemporâneo do universo, pois nasce junto com ele. (1986: 76) [...] O poema babilônico Enuma Elish, bem mostra que a organização do mundo é feita mediante a atribuição do nome: ‘quando, em cima, o céu ainda não recebera o nome, embaixo, a terra não fora ainda nomeada [...] No tempo em, os deuses, nenhum fora criado, nenhum chamado pelo nome.’ [...] para os antigos egípcios, o órgão da criação é a boca, que nomeia todas as coisas [...] no Rigveda, a fala é apresentada como imagem materna, que contém o universo dentro de si: Da palavra vivem todos os deuses; da palavra vivem os gênios, os animais e os homens [...] a palavra é a imperecível, primogênita da lei, *rta*, mãe dos Vedas, umbigo da imortalidade. (AUGRAS, 1986, p.77).

Amatuzzi (1989 apud TENÓRIO, 2003) ao se referir à fala original ou autêntica a denomina

como fala nova, na qual a intenção significativa se encontra em estado nascente, que ela se encontra em estado gestacional numa experiência primordial.

Essa experiência seria o constituinte dinâmico da significação do próprio sujeito e de seu mundo. Seria uma experiência pré-verbal que é descoberta pelo verbal. A experiência primordial, na fenomenologia de Husserl se refere à vivência pré-reflexiva, na qual se dá a significação primeira do fenômeno ou do objeto percebido. Ela é anterior a qualquer reflexão ou elaboração cognitiva, na qual a experiência passa por uma tradução deformativa, segundo as circunstâncias e valores sócio-culturais, internalizados pelo sujeito. Desse modo, para que haja uma “fala original” é preciso que o sujeito faça um retorno ao caos, ao silêncio primordial e entre em contato com a vivência pré-verbal ou pré-reflexiva, com a experiência originária da consciência, para que o novo possa surgir.

Até este ponto falou-se do silêncio e da palavra. Do silêncio como território da emergência da palavra. Do caráter demiurgo da palavra como aquela que vida ao caos. Que formata o sentido no silêncio primordial do ser. Relacionou-se a palavra ao silêncio no processo criativo. Afirmou-se que a palavra nasce do silêncio e que ela representa um gemido do corpo. Destacou-se que a palavra ao nascer, gerada pelo sentido, como que fosse ele o seu útero, traz para a composição e sonorização da palavra toda a sua genética orgânica. Afirmar que a palavra é corpo e que ela é produzida no limite das suas vivências será afirmar a historicidade da palavra, captada na sonorização dos afetos (voz-corpo) – genética da história evolutiva do homem que aprendeu a dizer de si. Sobre esse aspecto é importante afirmar que a palavra descende de duas fontes: pela aprendizagem dos signos culturais e pela vivência do corpo na busca do sentido que antecede o processo social formal e da cultura. Uma traz o entendimento pela tradução dos sentidos e a outra traz o qualificativo da história do corpo. Silêncio e palavra representam, portanto, a maneira como o corpo vivencia o processo da comunicação viabilizado pela linguagem. Mas o que se quer dizer por palavra quando esta se expressa por meio do som gerado pelo corpo? Pela sonoridade emprestada à palavra nos diversos processos de comunicação? Comumente encontrado em artigos que tratam desta temática, sabe-se que a voz humana consiste no som produzido pelo ser humano, usando suas pregas vocais para falar, cantar, gargalhar, chorar, gritar, etc. De modo orgânico/biológico, o mecanismo para gerar a voz humana pode ser subdividido em três partes: os pulmões, as pregas vocais dentro da laringe e os articuladores língua, lábios, dentes, palato duro, véu palatar e mandíbula.

Sitta (2016) afirma que:

A voz humana é um fenômeno que existe desde o nascimento, e se apresenta de diversas formas, tais como o choro, grito, riso e sons da fala. É um dos meios de comunicação do indivíduo com o exterior, particularmente com seus semelhantes. A voz é produzida na laringe, onde se localizam as pregas vocais (cordas vocais). Ao respirarmos as pregas vocais se abrem e o ar entra e sai dos pulmões. Ao falarmos, elas se aproximam e o ar que sai dos pulmões, passando pelas pregas vocais, produzindo uma vibração que é a voz. Assim sendo, a voz é o resultado do equilíbrio entre duas forças: a força do ar que sai dos

pulmões e a força muscular da laringe. Se houver um desequilíbrio nesse mecanismo, poderá ocorrer uma alteração na voz. O som produzido nas pregas vocais passa por um “alto-falante” natural formado pela faringe, boca e nariz. Estas estruturas são denominadas cavidades de ressonância. Os sons da fala são articulados na cavidade da boca, através de movimentos da língua, lábios, mandíbula, dentes e palato, modificando o ar vindo dos pulmões. Estas estruturas modificam o som produzindo a fala. A voz é diretamente influenciada pelo estado emocional do indivíduo, ou seja, quando estamos contentes temos um tom de voz, diferente de quando estamos tristes ou nervosos.

A voz é uma característica humana intimamente relacionada com a necessidade do homem de se agrupar e se comunicar. Ela é produto da sua evolução, um trabalho em conjunto do sistema nervoso, respiratório e digestivo, e de músculos, ligamentos e ossos, atuando harmoniosamente para que se possa obter uma emissão eficiente. A voz está associada à fala, na realização da comunicação verbal, e pode variar quanto à intensidade, altura, inflexão, ressonância, articulação e muitas outras características. A voz sofre muita influência de hormônios e de nossas emoções. É comum ouvir pessoas que estão muito tristes ou nervosas, roucas. A rouquidão é um tipo de disfonia. A incapacidade de produzir a voz é chamada de afonia. Hugo Jorge, psicólogo e Ludoterapeuta, publicou um resumo, em seu blog, no dia 17/04/2008, da conferência realizada pela Dr^a Mafalda Andrea, que integra a equipe interdisciplinar do Departamento de Otorrinolaringologia, Voz e Perturbações da Comunicação do Hospital de Santa Maria (OVCHSM), Lisboa. Nesse resumo, Hugo destaca os pontos mais importantes referentes à voz, da conferência realizada pela Dr^a Mafalda. Sobre isso ela diz:

As pessoas valorizam imenso a voz. Se pensarmos, a voz desempenha dois papéis essenciais, [um] ao nível da comunicação (os nossos pensamentos, sentimentos, ideias, projectos) e também pode servir um pouco como o nosso barómetro emocional. Através da voz, os outros conseguem aceder ao nosso estado. *'O que se passa contigo? Há qualquer coisa na tua voz?!'*, são expressões frequentes, assinalou aquela psicóloga.

[...]

Forma de expressar emoções por meio da voz é semelhante em diferentes culturas. Os sons emocionais fornecidos por uma pessoa podem mostrar muito mais do seu estado de espírito que seu rosto. Ao ouvir o barulho dessa forma de comunicação, qualquer pessoa pode facilmente identificar as emoções que ela exprime como satisfação, desaprovação e nojo, respectivamente. Essas expressões fazem parte de uma herança primitiva da espécie humana e pode, inclusive, ser compartilhada por outros animais.

Nesse sentido, Silva², afirma que a voz é o meio de excelência da comunicação humana e é um termômetro de nosso estado emocional. O estudo dos mamíferos demonstra claramente que os sons vocais, as atitudes corporais e os gestos tornam-se tão mais intenso quanto mais estressado está o animal. Isso não é diferente com os seres humanos, que expressam estados emocionais através de sua voz. O leigo reconhece que o impacto das diferentes emoções na voz pode ser tão intenso a

² Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; professora Assistente da Faculdade de Artes do Paraná – FAP; pesquisadora do Grupo de Pesquisa Artes Cênicas – Teatro cadastrado no CNPq.

ponto de desestruturar totalmente o padrão vocal habitual, podendo levar o indivíduo à afonia. A correlação entre voz e emoção é direta e automática no dia a dia, embora nem sempre consciente e com níveis de manifestação diversos, de acordo com seu treinamento de controle emocional. Nessa publicação, encontra-se a contribuição do Prof. Damásio (2003, p.35 apud SILVA, 2009), que afirma:

[...] que as emoções ocorrem no teatro do corpo e os sentimentos ocorrem no teatro da mente. Os sentimentos são invisíveis, porém as emoções são visíveis a olho nu, no rosto, na voz. Os sentimentos são invisíveis, são de propriedade exclusiva do organismo em cujo cérebro ocorrem, já as emoções podem ser vistas ou medidas pelos níveis hormonais sanguíneos. A voz sofre os efeitos dos sentimentos ocultos e aparece nas emoções.

Sobre isso, escreve Bispo (2007):

Nossa voz modifica-se constantemente, dependendo, entre outras variáveis, de estados emocionais e do ambiente o qual nos encontramos. O estresse cotidiano faz com que se perca o hábito natural de respirar para falar. Os ciclos respiratórios tornam-se irregulares demonstrando agitação e até descontrole ao ouvinte. Quando estressados, normalmente produzimos uma voz mais tensa e vozes tensas soam mais agudas, com esforço percebido pelo outro, podendo até ser considerada desagradável. A velocidade de fala também tende a aumentar, podendo demonstrar ansiedade, falta de tempo e tensão.

Caramaschi faz diversas menções sobre a natureza da produção da voz e de suas complicações oriundas do corpo. Nesse aspecto, são oferecidos alguns destaques retirados desse artigo com a finalidade de ilustrar melhor a importância da voz:

Os sons emocionais fornecidos por uma pessoa podem mostrar muito mais do seu estado de espírito que seu rosto. Ao ouvir o barulho dessa forma de comunicação, qualquer pessoa pode facilmente identificar as emoções que ela exprime como satisfação, desaprovação e nojo, respectivamente. Essas expressões fazem parte de uma herança primitiva da espécie humana e pode, inclusive, ser compartilhada por outros animais.

[...]

A voz humana é uma das mais ricas fontes de informação emocional. As expressões vocais não verbais aparecem em duas formas principais: com modificações no tom de voz durante a fala e por meio de vocalizações não faladas, como a respiração, o choro, suspiros, grunhidos, risadas, gritos e soluços.

[...]

O rosto e a voz são as duas dimensões não verbais que trazem a maior quantidade de informações. O tom de voz tem uma expressividade muito grande com a ideia de que ela pudesse de fato caracterizar os aspectos emocionais em diferentes culturas. A psicologia evolucionista pressupõe exatamente que todos os comportamentos, as atitudes e as emoções têm uma história evolutiva, e é isso que se percebe em boa parte das pesquisas que são feitas hoje. Algumas características têm uma modulação, uma variabilidade cultural, e outras muitas, um padrão universal, compartilhado por diversas culturas entre todos os seres humanos. São justamente esses comportamentos que estão ligados aos mais primitivos, mais biológicos, dos seres humanos, e as emoções entram nessa categoria de

manifestações que fazem parte da nossa bagagem biológica, relacionada à sobrevivência e ao relacionamento social.

Conclusão

A elaboração desse artigo cumpriu duas metas: a construção de um texto que evidenciasse a compreensão de um assunto atual e importante para o entendimento dos dispositivos básicos da construção da condição humana em seu processo de coexistir e de atuação em um mundo tecido pelos mesmos dispositivos – o de ser simbólico por excelência; e, nesse sentido, falar do silêncio foi ficar muito próximo da alma humana primordial; como também falar da palavra, foi como descobri-la na sensibilidade extensiva do modo materno, foi falar da origem, do que somos e de como vivemos. Falar da voz, dentro dessa situação, foi compreender o entrelaçamento desses dispositivos construtores e residentes genéticos da condição humana, em um corpo único - palco desses fenômenos básicos que constituem o existir humano. De outro modo, a oferta dessa organização conceitual e temática aos alunos da Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba e, em especial aos alunos do Curso de Psicologia, permitirá abrir novos espaços para outras pesquisas e novos projetos de investigação.

Referências

AMATUZZI, M. M. **O resgate da fala autêntica**. Campinas: Papirus, 1989.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes, 1986.

BEHLAU, M. **Voz**: o livro do especialista II. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

BISPO, P.. Artigo: **Voz**: um termômetro das emoções. 2007. Disponível em: <http://www.rh.com.br/Portal/Comunicacao/Entrevista/4909/voz-um-termometro-das-emocoes.html>. Acesso em: 22 set. 2016.

CARAMASCHI, S. Comunicação Global. Seção Ciência. **Correio Brasiliense**. 2013. Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/me_gerais/2013/08/11me_gerais_interna,381905/comunicacao-global.shtml>. Acesso em: 20 set. 2016.

DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio**: século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, C. A. **O Corpo reflete o seu drama**: somatodrama como abordagem psicossomática. São Paulo: Agora, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **A Dúvida de Cézanne**. São Paulo: Abril, 1984. p. 23-126. (Coleção Os Pensadores)

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. O olho e o espírito: seguido de a linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: **A**

dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

OLIVEIRA, V. M.R. de; CAMPISTA, V. do R. O silêncio: multiplicidade de sentidos. In: **SINAIS - Revista Eletrônica** - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, n. 2, v. 1, out. 2007. p. 107-120.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.

SEGAL, S. M. **Desfazendo mitos:** sexualidade e câncer. São Paulo: Ágora, 1994. p. 99.

SILVA, E. F. da. A voz dentro da relação psíquico-orgânica: estudo sobre a influência das emoções na voz do ator. **R.cient./FAP**, Curitiba, v.4, n.1 p.1-19, jan./jun. 2009.

SITTA, E. Como a voz é produzida. **Fonoaudiologia por Érica Sitta**. 04 jan.2016. Disponível em <https://ericasitta.wordpress.com/2016/01/04/como-a-voz-e-produzida/>. < Acesso em: 20 set.2016>.

TENÓRIO, C. M. D. A fala original e a obra de arte: uma reflexão acerca do processo criativo. **Universitas Ciências da Saúde**, Brasília/DF, v. 1, n. 2, p. 253-259, 2003.

Recebido em: 04/11/2016

Aprovado em: 20/06/2017